

RELATÓRIO DE ATIVIDADES

ISADORA CRISTAL DE SOUZA E SILVA ESCALANTE

Nova Iguaçu

2023

INTRODUÇÃO

O Programa Iberoamericano de Bibliotecas Públicas (Iberbibliotecas) apresentou, em 2023, a quinta edição do Programa de Estágio Internacional voltado para pessoas que trabalham em bibliotecas públicas, comunitárias e populares nos países e cidades membros. O objetivo central do Estágio é contribuir com o desenvolvimento profissional dessas pessoas afim de que possam enfrentar os desafios que nas bibliotecas em que trabalham. Assim, a ideia é que as pessoas selecionadas no Programa possam melhorar as suas habilidades profissionais, comunicação e colaboração entre profissionais de bibliotecas ibero-americanas.

Neste 5º Estágio Internacional o Iberbibliotecas selecionou a Colômbia para realizar e apoiar o Programa, no período de 28 de agosto à 01 de setembro, propondo como tema: Biblioteca e ruralidade, uma aposta no empoderamento a partir da diversidade comunitária. A partir de reflexões sobre o agenciamento comunitário no meio rural, com uma abordagem territorial e intercultural, o Estágio buscou explorar as alianças necessárias entre o Estado, bibliotecas e comunidades rurais para a ativação de projetos de bibliotecas itinerantes em torno do conhecimento local, memória e cultura oral e escrita em contextos rurais e étnicos.

Em uma agenda sensível dividida em cinco dias, o Estágio movimentou os participantes a se aventurarem em bibliotecas da cidade de Bogotá e do departamento de Cundinamarca, e a pensarem, a partir desses espaços, as relações comunidade-biblioteca evidenciadas em contextos urbanos e rurais.

Com base na experiência colombiana, o Estágio se apresentou como uma oportunidade de dialogar sobre o cenário não só de bibliotecas rurais, como também o de bibliotecas públicas de Bogotá, para reconhecê-las como equipamentos de transformação social, identificar as confluências e divergências entre essas unidades com os países de origem dos estagiários. Dessa forma, junto à diversos líderes comunitários, bibliotecários e demais atores do livro e leitura do país, durante os cinco dias de Estágio, tecemos fios condutores para formação de leitores, práticas sociais que reduzem as brechas quanto ao acesso aos direitos culturais e ao pertencimento dos povos e suas representações do mundo.

DIA 1: SEGUNDA-FEIRA, 28 DE AGOSTO DE 2023

A viagem do Brasil para Colômbia foi mais do que planejada, foi uma viagem sonhada há tempos, mas que ainda não estava em condições de realizada. Desde quando eu tinha 14 anos, trilhar os mesmos caminhos que Gabriel García Márquez era um sonho que eu sonhava acordada, lendo sua realidade mágica página por página. Anos depois, trabalhando como bibliotecária de bibliotecas comunitárias em Nova Iguaçu, não imaginava aprender tanto com as experiências descritas por Silva Castrillón, bibliotecária colombiana e autora do livro “O Direito de Ler e de Escrever”. Por isso, quando surgiu a convocatória para o 5ª Estágio Internacional do Iberbibliotecas, não hesitei em inscrever um projeto que estava em mente há tempos. Ter sido selecionada foi de uma alegria extraordinária e indescritível.

Todos os 20 estagiários selecionados no programa chegaram ao Hotel Tequendama no dia anterior ao Estágio. Eu queria explorar Bogotá no domingo mesmo, porém meu corpo ficou um pouco afetado pela diferença de altitude e decidi descansar para iniciar o estágio com bastante disposição. Após um café da manhã reforçado no Hotel, eu e todos os outros estagiários no encontramos no *hall* e nos vimos pela primeira vez. Fomos caminhando e conversando até a Biblioteca Nacional da Colômbia, que se encontrava a 10 minutos do Hotel, com a companhia de Carolina Lema.

Vale dizer que o Iberbibliotecas disponibilizou um tradutor, Diego Cepedas, para acompanhar a mim e a Maria Chocolate (outra companheira do Brasil) nas atividades do Estágio. Foi muito importante para tirar dúvidas mais específicas sobre processos que não saberia como perguntar aos especialistas em português.

Ao chegar na Biblioteca Nacional da Colômbia (BNC), apreciamos sua grande estrutura. Um lugar com muita história, a BNC é a primeira biblioteca pública da América, que foi fundada em 9 de janeiro de 1777.



Mudou-se para sua sede atual em 1938. Próximo à Biblioteca está o “Cerro Monserrate”, a colina mais emblemática da cidade.

Adentramos na BNC e ficamos surpreendidos com a sua grandiosidade arquitetônica. Formamos filas para receber uma ajuda de custo disponibilizada pelo Programa e, em seguida, ficamos à vontade explorar o primeiro piso do edifício. Para o meu deleite, à entrada da sala de referência e leitura da BNC há uma exposição dedicada a Gabriel García Márquez, com uma pintura acrílica sobre tela que recorda o dia em que recebeu o Prêmio Nobel, a máquina com que escreveu 100 anos de solidão e a medalha e certificado originais da academia sueca, doados pela família do escritor à BNC.



Duas lindas exposições enfeitavam as salas da biblioteca: "Nereo e o Cinema", sobre a obra do cineasta colombiano Nereo López; "Uma breve história da censura: dois séculos entre o controle e a liberdade de expressão na Colômbia". No centro do salão, haviam bancos e mesas feitas com produtos reciclados.

Em seguida, todo o grupo entrou no auditório da BNC para uma breve explanação da agenda e das primeiras oficinas. Neste ato inaugural, se apresentaram: **Adriana Martínez Villalba**, Diretora da Biblioteca Nacional da Colombia (BNC) ; **Sandra Patricia Suescún Barrera**, Coordenadora da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP) da Colômbia, do Ministério da Cultura. Explica que a BNC está à frente da RNBP e do Programa Nacional de Bibliotecas Itinerantes (BRI); **Luz Estela Peña Gallego**, Presidenta do Iberbibliotecas, e outros integrantes do Centro Regional de Promoção do Livro na América Latina e Caribe (CERLALC).

Na sua saudação de boas-vindas, Luz Estela Peña destacou a importância deste tipo de atividade desenvolvida pelo Iberbibliotecas, pois permite a troca de conhecimentos entre os funcionários da biblioteca e a criação de redes de trabalho.



Comentou sobre as outras quatro versões do Estágio que foram realizadas em Medellín, Colômbia (2016), São Paulo, Brasil (2027), Madrid, Espanha (2018) e Costa Rica (2019).

Antes de começar a apresentação, cada estagiário faz uma breve apresentação de seu trabalho. Foi uma grande honra conhecer os representantes dos demais pontos focais: **Chile** - Bernardita Riffo e Cristian Maturana; **Colômbia** - Juan Sebastián Paco Monroy e Ritzy Katherine Medina Cuentas; **Costa Rica** - Ana Liz Rojas e María Marta Valverde Bermúdez; **Ecuador** - Hernán Rodríguez Girón e Marily Román Rebolledo; **El Salvador** - Daniel Trinidad Ramos e Osmin Romero Campos; **Espanha** - María José Rufete e Víctor Manuel Humanes Martín; **Medellín** - Alejandra Restrepo e Sara María Rueda Hernández; **Peru** - Lesly Yoselin Espinoza Ticona e Magaly Sabino La Torre; **Quito** - Catalina Unigarro e Patricia Morocho Pilaguano. Foi uma atividade coletiva de reconhecimento.

Sandra Suescún convidou a todos a se engajarem nessa atitude de diálogo entre países. Apresentou o primeiro tema "Bibliotecas Rurais Itinerantes (BRI): Viajando pelos Caminhos, Pensamento e Palavra na Ruralidade Colombiana". Apresentaram o histórico do Programa e suas projeções futuras. Em seguida, recebemos um diário de viagem para registrar as experiências de cada dia.

Foi muito interessante perceber como um Programa que faz parte da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, constituiu um campo sólido na área das políticas públicas colombianas a partir de uma história diversificada. Desde 2003, com uma política pública de governo, é que foi possível consolidar a Rede com bibliotecas públicas no âmbito nacional, departamental, distrital e municipal, em territórios indígenas e comunidades negras, sob a direção do Ministério da Cultura e da Biblioteca Nacional da Colômbia.

Na Colômbia, 600 BRIs foram implantados em metade dos municípios do país. Equipes de líderes e, acima de tudo, mulheres líderes que encabeçam esse projeto nos diferentes municípios. Das 600, 56 Bibliotecas Rurais Itinerantes estão em reservas indígenas. De acordo com Sandra, o Programa já alcançou 117 municípios que foram priorizados no acordo de paz. Parte do trabalho está também em comunidades negras, afro-colombianas e palenqueras.

Me despertou a atenção descobrir que a Colômbia é um país muito centralizado, com uma cultura de participação social que ainda se restringe muito em Medellín. Mas que há um modelo de política pública participativa em curso.

Há alguns anos, propomos a ideia de uma rede que não é hierárquica, mas que constrói relações e é tecida a partir da compreensão dos tipos de bibliotecas, da organização que as está construindo, que pode ser gerenciada e dos processos construídos em cada território. O sucesso total será quando nenhum território precisar de nós da BNC.

Outro ponto que me chamou bastante a atenção foi as bibliotecas na construção da paz. Fundamentalmente, as Bibliotecas na Colômbia foram entendidas como espaços de convivência, possibilidades de encontro. Espaços de construção de memória e comunidade que têm um impacto profundo do lado social, sendo ela a maior catalisadora de processos de oralidade, leitura e escrita. Com as falas de Sandra e Adriana, demonstrando as experiências do Programa foi possível reconhecer que as Bibliotecas reconstróem tecidos sociais que outrora pareciam soltos ou perdidos.

Nesse contexto, os bibliotecários são vistos como agentes da Paz em uma instituição cultural propícia para o encontro. Apesar de viverem em um território profundamente fragmentado, a compreensão de que a paz se reconstrói cotidianamente é o que prevalece. Por isso, Adriana destacou que uma das funções da Biblioteca nesses espaços é mobilizar capital social, para: a) promover encontros significativos; b) reconhecimento; c) empatia; e, d) inclusão. Não classificando as pessoas, mas entendendo as suas condições de (sobre)vivência.

Outro dado interessante apontado na apresentação, foi o marco dos Acordos de Paz, em que eram necessárias a coesão social e a transição para a vida civil dos ex-combatentes para uma reconstrução de territórios externos e internos. Para o processo de desarmamento, as FARC tiveram de deixar todos os territórios rurais em que estavam instaladas e se concentrar em determinados pontos. O Estado propôs algumas ações nos territórios onde eles estariam alojados. Parte dessas ações era de responsabilidade do Ministério da Cultura e da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, que foram uma das primeiras entidades a propor uma ação específica para esses grupos e que era super complexa devido a falta de autoridade institucional para resolver e assumir processos após os acordos, como a falta de energia elétrica, falta de internet, falta de serviços de saúde, etc.

Adriana nos contava durante a apresentação que a primeira vez que teve a oportunidade de estar nestes encontros com esses grupos e apresentar-lhes o projeto de uma Biblioteca Móvel, o olhar das pessoas foi incrível, porque eles nunca imaginavam a possibilidade de ser oferecido o serviço de biblioteca naquele local onde não havia mais nada e tudo era caótico.

Nessa altura, as bibliotecas móveis serviam para alargar o serviço às comunidades rurais, eram consideradas como locais de encontro comunitário, que, a partir dos seus serviços culturais e da leitura, procuravam, por um lado, gerar coesão social e, por outro, dar um espaço aos combatentes para se reintegrarem na vida civil. Também a geração de confiança, não só entre as pessoas desmobilizadas, mas também com as instituições públicas. Participação comunitária e reconciliação. Apoiar e acompanhar a transição para a vida civil de ex-combatentes das FARC. Chegamos às comunidades onde os ex-combatentes estavam em diferentes contextos e eram meninos e meninas que tinham sido recrutados muito jovens. Muitos deles nem sabiam usar o celular, não sabiam ler e escrever, e embora houvesse processos de formação dentro desses grupos armados, havia muita leitura, mas também havia muito analfabetismo, especialmente em termos de acesso a novas tecnologias. Trabalhamos com essas pessoas que vieram se encontrar novamente.

O projeto do Ministério da Cultura e da Biblioteca Nacional foi a primeira oferta institucional para os pontos de normalização do acordo de paz e foi coordenado pelo Escritório do Alto Comissariado para a Paz e por uma ONG de origem francesa chamada Biblioteca Sem Fronteiras (BSF) que já havia desenvolvido esses processos de serviços de bibliotecas nos campos de refugiados. Com esse desenho de bibliotecas móveis, a Colômbia parecia ser experiência mais próxima na época, por isso a aliança foi feita de forma estratégica com a BNC e Ministério da Cultura a fim de alcançar os territórios vulnerabilizados com ex-guerrilheiros. Assim, a BSF enviou uma equipe de especialistas em 2017 para implantar esse projetos. Vale dizer que a Colômbia se divide em departamentos e municípios, dentro deles existem diversas áreas rurais que, por sua vez, são divididas em “Corregimientos”. De acordo com a Constituição colombiana de 1991 e o Decreto 2.274 de 4 de outubro de 1991, um Corregimiento é uma parte interna de um departamento ou província, que inclui um núcleo populacional e um conjunto de Veredas. Grosso modo, os corregimientos são têm uma pequena unidade administrativa e uma Junta de Acción Comunal (JAC), que é como um pequeno governo territorial onde estão as aldeias mais dispersas pelo país.

Como as JACs estiveram sempre envolvidas nos processos participativos desses territórios, o projeto das Bibliotecas Móveis começou a gerar confiança já que elas também estariam diretamente ligadas ao projeto e à materialização dos acordos de paz. A BNC definiu uma Chamada Nacional para que bibliotecários públicos, promotores de leitura, gestores culturais, que já tivessem vivido experiências em territórios de conflito desenvolvendo serviços de biblioteca e de promoção da leitura, pudessem se candidatar a administradores dessas bibliotecas móveis em seus territórios. Selecionaram uma equipe de super profissionais da Colômbia que tocou esse projeto durante 8 meses. Esses bibliotecários tinham a responsabilidade de não só formar as pessoas desse território, mas também de incluí-las no processo de gestão das bibliotecas.

Segundo Adriana, foi uma tarefa complexa. Desde a montagem das bibliotecas que eram entregues em umas caixas que se transformavam em estantes, mesas e cadeiras e continham os livros, os equipamentos audiovisuais, computadores para acesso aos recursos digitais, um posto administrativo de quem atenderia nas bibliotecas, entre outros, por isso eram bastante pesadas e difíceis de transportar. No entanto, a comunidade acompanhava esse transporte à pé, em barcos, em carrinhos de mão, principalmente nas áreas rurais mais complicadas, todos colaboravam. Foi uma grande experiência. Após os 8 meses quando os bibliotecários foram embora, as pessoas da comunidade se encarregavam de todos os processos.

As bibliotecas móveis se tornaram fixas e acabaram se desmobilizando com as FARC. Pela robustez da infraestrutura dessas bibliotecas, não era mais possível move-las e, portanto, não havia circulação entre as aldeias. O contexto em que esse modelo de biblioteca chegava nos campos de refugiados, com helicópteros ou aviões, era distinto ao que havia na Colômbia. A ilusão de que eram “móveis” caiu por terra. Mas as pessoas queriam muito conhecer os livros, acessar os equipamentos e conseguir disfrutar do instrumentos culturais que haviam nesses territórios. Ao final, tudo o que ocorreu ajudou a consolidar a ideia de que as bibliotecas eram extremamente relevantes para o país e que as políticas públicas tinham um impacto gigantesco.

Foi feita uma pesquisa para descobrir o impacto social desse projeto e a sua incidência sobre a vida das pessoas que viviam nos territórios onde ele foi implantado. O resultado foi surpreendente e alarmante ao mesmo tempo. Foi um projeto potente pois indicou a geração de empatia nas pessoas, o sentimento de liderança e empoderamento, a participação, a resolução de conflitos, o sentido de pertencimento em seus territórios

rurais e as expectativas do futuro. Ao mesmo tempo, indicou grandes brechas de desigualdade entre os lugares onde havia a biblioteca e os lugares que não havia. Na Colômbia há cerca de 33 mil veredas e esse projeto só havia chegado a 20. Isto é, toda a potência estava refletida em uma parcela de menos de 1% da população rural. Outro sentimento que foi causado após o encerramento do projeto foi que as comunidades se sentiram abandonadas novamente, sentiram que ninguém no território poderia levar adiante o processo como havia sido feito por outra pessoa. Se desmotivaram. Se quando o projeto estava em curso havia se formado um processo comunitário forte, quando ele acabou as JACs tinham que atender não somente uma vereda, mas outras 50 do município e dispor de todos os recursos que os bibliotecários tinham.

Adriana cita algumas lições com esses projetos: 1) todos precisam assumir as comunidades como agentes territoriais; 2) nesses territórios tão distantes se vincula o estado, as entidades territoriais e as comunidades, porque as condições são muito complexas, por isso é necessário somar forças para poder decolar; 3) há toda uma transformação de concepções de ruralidades, há todo um processo de comunicação em torno das Bibliotecas Rurais Itinerantes e isso implica em como vamos “levar a cultura”, os livros, os conhecimentos e como vamos formar as pessoas, uma vez que “não é o que falta”, mas sim o que há nesse contexto.

Todas essas lições são também pertinentes quando se pensa em Bibliotecas Comunitárias no Brasil. É necessária uma transformação dos conceitos de Bibliotecas, na perspectiva de projetos que são enriquecidos pelas próprias práticas pertinentes a cada território. Sempre confrontamos todos os argumentos técnicos, biblioteconômicos e a desconstruir aquelas ideias que havíamos montado inicialmente.

As ruralidades tinham sido historicamente desconhecidas e pela primeira vez, depois de muito tempo, a partir da assinatura do acordo de paz, volta-se a colocar no paco um área rural e, percebe-se, que sem ruralidade não pode haver paz completa, nem desenvolvimento, nem melhores condições de vida, porque todo esse valor já há na ruralidade. Após toda essa reflexão, os agentes do projeto entenderam que o modelo francês não lhes serviu e precisariam recriar um novo a partir dos aprendizados. Dessa forma, começaram a pensar na ITINERÂNCIA como um fator que não negligencia em quem está mais disperso nos próprios corregimientos.

Adriana cita diversos exemplos de Bibliotecas e Projetos de Leitura Itinerantes pré-existentes no país. O que a BNC fez foi mapear todas essas iniciativas comunitárias e estatais do país e identificar quantas fixas estatais e comunitárias existiam e, verificar quantas itinerantes existiam. Depois disso, tiveram como referência Alfredo Mires, da Rede de Bibliotecas Rurais de Cajamarca, Peru), com quem tiveram a oportunidade de conversar sobre essa situação e projetos bibliotecários na ruralidade. Ele é um crítico das políticas de bibliotecas que são invasivas. Para ele, é necessário pensar que livros estão levando, se forem descolados da realidade rural de nada servirão para aquele local. Mires aponta principalmente como as pessoas são representadas nessas bibliotecas, entendendo que as bibliotecas não são o mundo de fora, mas sim o mundo delas. Ele não acreditava que o Estado estaria realmente interessado em entender essa realidade.

Ainda assim, a equipe da BNC e do Ministerio da Cultura estava empenhada e inspirada a partir de sua conversa sobre como pensar e entender a maneira como se pudessemos trabalhar de maneira articulada entre o Estado – Bibliotecas – Comunidades Rurais, em uma relação de igualdade, de aprendizagem conjunta e entendendo as limitações e adequações que seriam necessárias aos territórios rurais do país. Assim se deu a reviravolta da ideia de Bibliotecas Públicas Móveis para ideia de Bibliotecas Rurais Itinerantes (BRI). A partir de todas as reflexões, pensou-se um programa que traduzisse todos os sentimentos e desejos, sem pressa e sem pausa, que atingisse metas de curto, médio e longo prazo, mas que, acima de tudo, fosse perene naqueles territórios.

Definiram o slogan: “transitando pelos caminhos do pensamento e da palavra” e a primeira tarefa das equipes nos territórios rurais era fazer uma imersão, caminhar por toda a comunidade sem tomar notas. Segundo, era transitar pelo pensamento, pelo conhecimento e informação que estava dentro da comunidade, reconhecer os saberes e o capital dos pensamentos e da palavra na ruralidade. Como esse programa busca articular os processos na ruralidade com as bibliotecas públicas municipais com seus serviços de extensão bibliotecária, a BNC revisou qual eram as formas que as bibliotecas vinham fazendo a extensão e analisaram o contexto rural na Colombia, bem como o comportamento leitor e percebeu que para ter êxito seria necessário elaborar uma formulação compartilhada de objetivos, ter uma participação e a criatividade social com enfoque territorial e, principalmente, cuidar da memória.

Seguindo o Plano Nacional de Leitura, Escrita e Oralidade “Ler é Meu Conto”, liderado pela Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP) da Colombia, propõe o

Programa Nacional de Bibliotecas Itinerantes, que buscava expandir a cobertura de serviços bibliotecários para as áreas rurais do país a partir do fortalecimento do serviço de extensão das bibliotecas públicas pertencentes à RNBP. Adotou uma série de estratégias para que a Itinerância resistisse.

As BRI são resultado de um projeto coletivo, colaborativo e em movimento construído em um propósito comum: do encontro para criar e fortalecer os laços comunitários desde a palavra, a memória, os conhecimentos locais e os significados do que poderíamos entender como identidades rurais da Colômbia. Unindo pessoas que cotidianamente trabalham com a terra, cuidam da casa, estão na escola, são professores, gestores culturais, sábios das comunidades ou líderes comunitários, em comunidades campesinas, indígenas e afrodescendentes de 574 municípios de 30 departamentos do país participam de um projeto bibliotecário rural, base das BRI, que se vinculam como mediadores e comandam as estratégias de itinerância que cada comunidade desenha em propõe de forma coletiva.

As BRI são como bibliotecas sem muros que percorrem e itineram pelos territórios para chegar até as pessoas que vivem nos lugares mais afastados do país. São entregues pelo Programa uma mala de recursos que integra uma coleção bibliográfica, um kit de tecnologia para circulação e produção de conteúdos, recursos didáticos e guias metodológicos que contribuem para implementação do projeto.

Como parte deste processo comunitário e participativo, 1891 mediadoras e mediadores rurais, líderes de suas comunidades, se vincularam a ações de acompanhamento técnico e formativo desde a presencialidade até a virtualidade entre 2019 e 2022. Suas contribuições nestes espaços consolidaram as 600 BRI, o que contribui para o fortalecimento do tecido social já que as pessoas de todas as idades se envolvem e participam em diferentes atividades significativas e contextualizadas em torno da leitura, da escrita, da oralidade, das memórias, dos saberes, dos conhecimentos do território, entre outros.

Entre 2019 e 2021, o Programa também entregou às famílias rurais 13.950 coleções bibliográficas, equivalentes a quase 84 mil exemplares da série “Leer es mi cuento”, com o objetivo de promover espaços de leitura familiar e fortalecer o valor da palavra compartilhada desde o lar através do encontro intergeracional. Mais de 28 mil pessoas das comunidades foram beneficiadas com essa atividade. De forma

complementar, aconteceu também um ciclo de encontros virtuais “PaLABRIAndo”, com uma série de palestras, workshops de formação, mesas de trabalho regionais, nas quais as vozes dos mediadores foram as protagonistas, com a troca de experiências no exercício de mediação, o encontro entre diferentes regiões do país e o reconhecimento das diversas realidades dos territórios em que se desenvolve o Programa.

Futuramente, aponta-se para a consolidação de uma Rede de Bibliotecas Rurais Itinerantes que procura acima de tudo, diversificar as possibilidades de uso da mala de recursos e criar novos projetos autônomos. Afinal, é nas singularidades de projetos que itineram por caminhos distintos, seja pela trilha no lombo de uma mula ou pelo rio atravessando em um barquinho, que se fazem as maiores transformações das ruralidades.

Após todo esse histórico das BRI, **Mayra Sánchez** inicia atividades de reflexão sobre o propósito de estar no estágio e as energias que os bibliotecários precisam para trabalharem com a comunidade. Partindo do princípio que as energias da vida não são boas nem más, só energias, executamos a atividade “As cartas da Energía”. Retirei a carta número 15, “A grande aceleração”. Mayra pede a todos que registrem suas cartas para o final do estágio. Pede também que escrevamos uma oferenda para colocar ao centro do círculo que estamos.

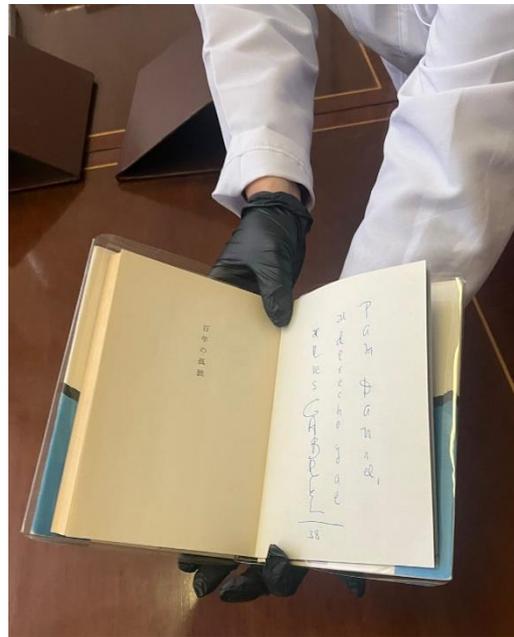


Eu ofereci o perfume dos laranjais da minha cidade Nova Iguaçu. Ao final da atividade, Mayra nos presenteia com ervas e plantas medicinais. Fazemos uma pausa e nos entregam um “Diário de Viagem do Estágio” para registrarmos momentos e sensações.

Às 12h30 almoçamos e conversamos entre os estagiários. De 13h30 às 15h nos convidam a fazer uma visita guiada pelas unidades de serviços e fundos da Biblioteca Nacional da Colômbia. Nos dividem em dois grupos. Passeamos pela sala de leitura, pela hemeroteca, com revistas e periódicos nacionais, que leva o nome de “Manuel del Socorro Rodríguez”. Nos mostram a seção de microfilmes que contém as coleções mais seguras para os pesquisadores. Fomos à audioteca, no Centro de Documentação Musical, onde se

recupera, guarda e conserva o patrimônio sonoro de toda a Colômbia. A nossa guia, Carolina Correa, nos mostra todos os formatos que recuperam ou habilitam para que estejam à disposição de pesquisadores e do público geral a partir de agendamento. Passando pelo Depósito de Microfilmes, fomos a Sala de Referências e de Leitura.

A BNC possui 3 milhões de itens bibliográficos que, por termos de depósito legal, aumentam cada dia mais. Nos mostraram alguns exemplares que estão sob custódia da BNC, livros raros, incunábulo e outros documentos como “O Acordo de Paz entre as FARC e o Governo da Colômbia”, firmado em Bogotá em 24 de novembro de 2016; o livro “Oratório de religiosos e exercício de virtuosos” restaurado, de autoria de Fray Antonio de Guevara, impresso em Valladolid, Espanha, em 1545; e um livro de Gabriel García Márquez, impresso em japonês com uma dedicatória escrita “Gabriel Al Derecho y Al Revés, para Daniel”, imitando a escrita japonesa.



Retornamos ao auditório às 15h para uma palestra de **Natália Quintero Castro**, que propõe o Mapeamento da Ruralidade, um esforço grupal e coletivo para refletir e realizar um diagnóstico sobre os setores rurais dos países presentes no Estágio Internacional por meio dos seus representantes. O objetivo é ter um mapeamento por meio de perguntas geradoras do simbólico que representa as ideias, os imaginários do que é o rural. Respondemos se já vivemos ou ainda vivemos em zonas rurais, qual é o significado disso para nós, se temos ancestrais camponeses, como os descrevemos, com que palavras descreveríamos as ruralidades e, por fim, Natália nos pede para que façamos um desenho sobre a ruralidade em nossos países. Foi muito interessante ouvir as histórias de vida dos companheiros de Estágio e, compreender, o que nos une enquanto América Latina nas Ruralidades.

DIA 2: TERÇA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 2023

Amanhecemos com um dia de sol, apesar de ainda ser bastante frio para quem chegou diretamente do Rio de Janeiro. Nosso próximo destino é a Biblioteca “Manuel Zapata Olivella”, no Tintal, ao oeste de Bogotá. Entramos no ônibus às 8h e chegamos ao local em 25 minutos. A Biblioteca Pública fica no Parque Metropolitano El Tintal, rodeado por dezenas de conjuntos residenciais. Somos recebidos por **Soledad Prieto Franco**, coordenadora da Biblioteca que nos convida a olhar ao redor. Soledad nos conta que antigamente esse local era uma fábrica de transferência de lixo – Famoso Lixão e que foi uma construção nova, pensada e planejada desde 1998, durante a administração do prefeito Enrique Peñalosa, que se tornou visível para o futuro de Bogotá. No início havia apenas dois conjuntos residenciais El Tintal e Santa Fe. Bem no local onde estávamos era onde era jogado o lixo pelos caminhões e fedia a podridão. Em vista da questão ambiental, decidiu-se por encerrar este espaço. O prefeito como um grande visionário queria implantar uma biblioteca neste espaço para ser o principal polo de desenvolvimento do setor. Por isso, até hoje todos os mediadores e bibliotecários veem esse espaço como uma fonte de transformação do lixo, à leitura, ao conhecimento e em geral a toda arte para uma comunidade que, claramente sofre com a violência, fruto da desigualdade social.



Essa é uma Biblioteca que pertence à BiblioRed, uma Rede Distrital de Bibliotecas Públicas de Bogotá que há mais de 20 anos trabalha para que os cidadãos tenham a possibilidade de se aproximarem dos livros, da escrita, da cultura, da pesquisa, da ciência, da tecnologia e da inovação. A BiblioRed está orientada pelo Plano de Leitura e Escrita

“Leer Para La Vida” e pelas políticas de desenvolvimento humano da cidade de Bogotá, lideradas pela Direção de Leitura e Bibliotecas da Secretaria de Cultura, Recreação e Esporte. A BiblioRed é formada por 146 espaços de leitura na cidade: o livro se move no Transmilenio (transporte público rodoviário, tipo BRT) com 12 BiblioEstações, chega a toda localidades com o BiblioMóvil, a Biblioteca Itinerante, a Biblioteca Itinerante TIKÁ, 95 PPP - Paraderos Paralibros Paraparques (espaços de diálogo e de encontro com mais de 300 livros localizados em parques de todas as localidades da cidade), 4 Salas de Leitura, 2 Bibliotecas da Confiança e a Biblioteca Digital de Bogotá. Além disso, oferece grandes infraestruturas e coleções nas 29 bibliotecas da Rede.

Soledad nos entrega um exemplar de “La LEO se toma Bogotá: Política Pública de Lectura, Escritura y Oralidad – 2022-2040”, um resumo da Política Pública de Leitura, Escrita e Oralidade 2022-2040 e um marcador de livros com um QR Code para entrar na biblioteca digital www.bibliotecadigitalbogota.gov.ec e na www.bibliored.gov.ec. Eu simplesmente amei essa cartilha e logo enviei para a equipe da Rede Baixada Literária, para reproduzirmos uma a partir do Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas (PMLLLB) de Nova Iguaçu.

No exercício de observação, nos entregam binóculos para olhar os detalhes dos arredores da Biblioteca, a geografia e a infraestrutura do local. Nos dá as boas vindas também **Rafael Tamayo Franco**, diretor da Biblioteca Manuel Zapata Olivella. Depois, nos entregam um fanzine em forma de “planta” da Biblioteca com alguns adesivos que representam cada local da visita guiada que seria adiante. Uma atividade bem divertida para conhecer a Biblioteca e sua história por estações com figurinhas. A primeira estação visitada já era ao lado de fora, na entrada. **Angi Prieto** nos convida à segunda estação, a conhecer a linha do tempo de Manuel Zapata Olivella - médico, antropólogo, defensor das comunidades negras e escritor, que recebe a homenagem desta Biblioteca mediante o acordo 224 de 2006. Logo na entrada, o recado para quem entra: “Este espaço está dedicado aos escritos de Manuel Zapata Olivella e também aos escritos da afrocolombianidade.”

O segundo piso da Biblioteca é uma sala enorme, mas para além do espaço físico ela conta com um acervo digital muito grande. Adriana Sánchez explica, enquanto nos conduzir pelo grande salão, que pode-se acessar o acervo digital gratuitamente de qualquer lugar que tenha acesso à internet. Com mais de 3 milhões de recursos bibliográficos digitais, partituras, e-books e algumas plataformas que servem a todos para

diferentes aspectos. Para tanto, o usuário deve registrar-se no site da BiblioRed. Há uma programação dos 29 espaços, como notícias, serviços, Leo Contigo e podcasts, entre outros.

Além do acesso ao acervo digital da Biblioteca Digital de Bogotá, a Biblioteca Manuel Zapata Olivella possui 90 mil exemplares físicos na biblioteca e a BiblioRed com mais de 600 mil livros impressos à disposição do público. Enquanto caminhamos até a terceira estação, observamos as diversas formas de ler e aprender, com equipes tiflotécnicas que dão acesso aos livros a usuários e usuárias que possuem algum tipo de deficiência. A equipe da Biblioteca se preocupa com a forma como os PCDs acessam a informação, a autonomia desse público é muito importante em sua política. Se preocupam também em alinhar-se com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, especificamente com a redução das desigualdades.

Fernanda Suárez, especialista em necessidades especiais, é a pessoa encarregada de acompanhar os deficientes visuais com o uso correto dos equipamentos tiflotécnicos. Fernanda nos mostra como funciona os equipamentos. Há um leitor de documentos com uma lente especial que aumenta as letras do texto, que altera a saturação das cores para que se possa enxergar com melhor contrastes. Há um *scanner all reader* que permite que contextos análogos, textos normais, sejam transformados em textos digitais e, em consequência, em audiolivros com um assistente de voz já presente nos computadores da estação.



A Biblioteca tem consolidado uma base de dados que contém toda informação dos usuários e de quais processos eles se utilizam mais. A máquina de braille é um bom exemplo, pois muitas pessoas utilizam para impressão de trabalhos e outros escritos. Há ainda 3 computadores com um programa chamado JAWs, que permite fazer uso de qualquer janela do navegador por meio de áudio, o programa diz exatamente o que aparece na tela. Assim, os próprios usuários podem fazer uso livre do computador sem

ajuda de intermediários. Além disso, há um computador com teclado amarelo, pensado para pessoas que possuem visão baixa ou curta.

Na quarta estação, nos deparamos com os processos e expressões artísticas. É o “Distro Gráfico”, uma sala criada em 2016 para que jovens e adultos pudessem trabalhar, criar, explorar, os HQs, mangás, animes, sagas e novelas gráficas. Atrai muito o público jovem. Esse espaço, conta com mesas de desenho e todos os materiais para que as pessoas se apropriem dele. As edições dos livros são organizadas por nacionalidades. A comunidade é quem defini o que fazer na biblioteca. Os espaços de leitura evoluíram muito e, hoje, contam com laboratórios de artes para as pessoas que leem por meio da arte. Também há uma horta para as pessoas que leem por meio da terra, das sementes e todos os temas agrícolas.

É notório como na Biblioteca Manuel Zapata de Olivella os espaços de promoção à leitura se conversam para que mais e mais pessoas se integrem nos processos de leitura, escrita e oralidade. Mateo Prieto, que nos guia pelo Laboratório de Artes, conta que semestralmente definem temáticas para trabalhar. Já ocorreu oficina de fotografia digital e analógica, oficina de mídias sociais, xilogravuras, entre outras. Por suas ações, a Biblioteca recebeu um prêmio especial chamado “Daniel Samper”.



Descemos até a quinta estação, um andar intermediário onde se localizam “De la letra a la memoria”, um espaço para reunião de pessoas de terceira idade. São avós que “aprendem a mágica do código escrito” e a videoteca para empréstimo de material audiovisual. Já na sexta estação está a Bebêteca, um lugar para atenção especial da primeira infância. Para adentrar na Bebêteca, é necessário tirar os sapatos e Gerardo nos explica que ali as crianças entram com o coração aberto e a partir dos jogos, criam propostas para que elas explorem e vivam a ludicidade. Lá, trabalham com um programa que se chama “Arte para a primeira infância” que integra músicos, pintores, poetas, entre outros. Dentro da Bebêteca há um espaço que se chama “Iris”, para que as crianças brinquem com as cores e com a luz, em um processo de contemplação, com música ao

vivo, flautas tradicionais, para que reconheçam suas origens. Após a contemplação auditiva, eles podem grafar nas paredes, nos papéis as sensações que tiveram. Quem mais curtiu a Bebêteca foi Lautaro, filho da Catalina Unigarro, na piscina de bolinhas.

Em seguida, o grupo de Dança da Terceira Idade da biblioteca nos surpreendeu com o tradicional ritmo bunde de Tumaco, foi nos levando até a Sala de Leitura Infantil, que me encantou demais. Logo na entrada, havia um jogo da memória de gatinhos. Uma fofura. Sua ambientação é muito atrativa para crianças, com desenhos de animais colados nas paredes e sua organização bem distribuída.



Assim, encerramos à visita guiada e fomos direto para uma sala ao encontro de Bertho Martínez, professor da Universidade de Antioquia, vice-reitor de docência e coordenador de Permanência e Inclusão Universitária. Bertho é também licenciado em Literatura e Novo Castelhana. Para iniciar sua palestra sobre “Território, diversidade e agenciamento comunitário”, Bertho nos convida a palabrandear, um neologismo que se usa quando se quer falar enquanto caminha. Lança uma questão para o grupo, em referência às bibliotecas: O que significa isto para minha comunidade?. Na verdade, o que Bertho propõe é que tudo o que respondamos durante a palestra, nos perguntemos o que, de fato, isso implica no meu território, no meu país, para que não seja uma reflexão desituada. Isso, requer sentirpensar o espaço e o território para realizar processos situados. Como o espaço como produção social condiciona e modifica as bibliotecas, os projetos comunitários. O segundo elemento é pensar a diversidade como um assunto constitutivo dos seres humanos e dos territórios. O terceiro é o agenciamento comunitário, o lugar que ocupa a participação nos projetos. O sentipensar é, portanto, como a nossa maneira de

pensar modifica nossas emoções e como nossas emoções modificam nossa maneira de pensar.

Bertho cita ainda o princípio da “Accibibilidad”, uma palavra que não é traduzível para o português, mas que é uma nova práxis de acessibilidade transversal em favor de todas as pessoas do cuidado mútuo. É como meu projeto se articula com outros atores, que ajudam corresponsavelmente a modificar as estruturas que geram barreiras e exclusões. O sistema colonial nos fez lutar sem perceber que se trata de uma estratégia colonial. A accibibilidad é para todos, é o que Bertho chama de “trabalho nas fendas”, nas margens, nas fronteiras, sabemos que às vezes não dá para mudar completamente o sistema, mas dá para trabalhar projetos. É trabalhar na **dimensão física** garantindo que todos utilizem os espaços de forma segura e confortável. Que todos os sujeitos, independente de sua condição, possam integrar nos espaços e utilizá-los. Que os espaços sejam seguros; na **dimensão comunicacional**, democratizar o acesso à informação, em diferentes idiomas e formatos; na **dimensão epistêmica**, como fazemos um ajuste para incluir, para contar, para ensinar, são os “ajustes razoáveis”; na **dimensão simbólica**, eliminação de barreiras culturais, identitárias e atitudinais.

Sobre o agenciamento comunitário, Bertho nos explica que precisamos entender o **comunitário** como espaços de significados compartilhados somado à **agencia** que toma decisões e incidências informadas constituía as formas de atuação que favorecem os cenários democráticos, plurais, coletivos e solidários. Essas formas de atuação são a base para a criação e sustentabilidade de processos bibliotecários enraizados nos territórios. Isso é extremamente relevante para a transformação de práticas individualistas e para o fortalecimento de processos e esforços conjuntos para a mudança. O agenciamento comunitário tem uma forte conexão com o conceito construído coletivamente pela Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) do Brasil sobre enraizamento comunitário. Em futuros projetos, comentarei com os companheiros de trabalho sobre o conceito aprendido sobre “accibibilidad”. Bertho nos deixa algumas perguntas para refletir e responder no “Círculo da Palavra” que inicia às 12h, no segundo piso da Biblioteca.

Ao chegarmos, nos deparamos com um tapete vermelho sobre o qual Bertho dispôs alguns objetos: um par de cestas, velas, chocalhos, mandalas, um jarro de metal, grãos e sementes. Nos sentamos em torno desse cenário. Bertho nos pede que escrevamos uma pergunta e a coloque-mos no cesto como símbolo da semente. Explica que os objetos dispostos representam a tradição de Abya Yala. O cesto são os saberes interculturais, que

permite tecer as identidades, as perguntas, trabalhar as interferências, é a pedagogia da mãe terra. Assim, iniciamos a rodada do círculo da palavra e foi muito produtivo escutar as reflexões dos colegas de estágio.

Às 13h fomos almoçar no auditório da Biblioteca, em seguida, e conhecemos a sétima estação da Biblioteca: A horta. Nela, há algumas prateleiras com livros que contém temas agrícolas para plantio e jardinagem. Aproveitei para tirar uma foto da Cannabis plantada na biblioteca, postei no meu instagram e foi maravilhoso, pois gerou boas reflexões sobre a legalização no Brasil tanto para fins medicinais quanto para recreativos.



Às 14h30 tivemos a exposição do painel de experiências “Vozes do Território” das BRI da Vereda Alto Grande, do município de Cojúbio, departamento de Cauca e da BRI Nueva Colón. A representante da Biblioteca de Alto Grande, Daniela, indica que 30% da população é camponesa e 70% afrocolombiana. Sua vereda é rica em mitos e lendas, com uma tradição de músicos autóctonos, com um forte trabalho comunitário e que os jovens estão empoderados do que fazem. O trabalho da BRI tem como objetivo principal instigar os jovens da comunidade a recompilar a memória histórica de seu lugar natal, para que conheçam a história escutando os mais velhos e fazendo assim a integração juvenil. A segunda experiência da BRI do município de Nova Colón, Boyacá, é representada por Naira Rodríguez. A proposta da BRI é promover a leitura usando bicicletas, sobretudo aproveitar a geografia do lugar para o ciclo de montanhismo. Às quartas-feiras promovem o “livro da semana”. Esta proposta também é uma forma de conhecer o território e promover uma atividade saudável. Eles possuem um bazar comunitário, com atividades ambientais, esportivas e culturais. Ao final da exposição, Daniela e Naira nos apresentaram com lembrancinhas de suas BRI.

Às 16h30 tivemos a oficina “As formigas também tem problemas”, com Alberto Hermosilla, em que discutimos as perspectivas de trabalho e aprendizagem colaborativa entre a biblioteca e a comunidade. Alberto inicia a oficina mediando o livro que intitula sua oficina, de Sofia Balzola. Pede para que no post-it verde cada um escreva o que é comunidade, uma característica ou palavra. No post-it rosa, o que não é comunidade. E,

no post-it laranja o que a minha biblioteca pode dar a comunidade. Cita o trabalho de Raquel Gutiérrez Aguillar sobre produzir o comum: estruturas comunitárias e formas do político. Aborda três chaves principais: 1) Nem tudo o que parece/imaginamos como comunitário é; 2) O comunitário é uma relação social; 3) Produzir o comum desde a interdependência para garantir a vida coletiva. Alberto propõe que respondamos algumas perguntas para cada uma das chaves. Menciona sua própria experiência da Biblioteca Agroecológica El Uval para demonstrar como ocorre a construção de comunidade, do fazer político, na cotidianidade das práticas rurais.

Coincidiu com a nossa programação, uma atividade que ocorria na sala ao lado, um ciclo de oficinas intituladas “Outras formas de perceber o mundo”, um encontro intergeracional que crianças, adultos e idosos compartilhavam saberes para fazer bonecas para expressar suas emoções. Aproveitei o momento e fiz uma entrevista com aicineira sobre as “muñecas quitapesares” que foram produzidas pelas crianças e gravei um vídeo para mostrar as minhas colegas da Biblioteca Comunitária. Ela disse que as bonecas serviam para quando elas tivessem pesadelos, deveriam contar para as bonecas e acariciar suas barrigas, assim elas as protegeriam nos sonhos. Me encantou muito essa ideia e pretendo reproduzi-la em breve.

Nos despedimos da Biblioteca Manuel Zapata Olivella com uma foto em grupo na entrada e prometendo voltar outro dia, em uma outra oportunidade. Carolina Lema aproveita para nos avisar que no dia seguinte nos esperará no hall do hotel às 6h45, pois a viagem será mais longa e distante. Então, decido fazer um lanche próximo ao hotel com Maria Chocolate e Diego, que nos conta curiosidades sobre Bogotá. Conversamos sobre os pratos da Pastelería Florida, uma tradicional confeitaria de Bogotá, desde 1936.



DIA 3: QUARTA-FEIRA, 30 DE AGOSTO DE 2023

Me levanto cedo, antes das seis da manhã para tomar café e enfrentar mais uma jornada, dessa vez no município de La Calera, 25km ao noroeste de Bogotá, para visitar a vereda Los Manzanos. Pontualmente, às 6h45, aguardo Carolina Lema que nos encaminhará até o ônibus que atrasou e chegou somente às 7h30. Eu estava temerosa, pois disseram que em La Calera a altitude é ainda maior do que em Bogotá. Mas conforme o ônibus subia a serra íngreme, me encantava com a vista das montanhas, das pessoas passando e de ciclistas treinando nessa rota.

Em uma curva sinuosa à direita, o ônibus segue subindo em direção a vereda Los Manzanos, um lugar rodeado de natureza porque está na fronteira com o Parque Natural Nacional de Chingaza, no qual o principal morador é o “urso-de-óculos”, também conhecido como jukumari ou urso-andino. Já não há asfalto e perto da trilha Los Manzanos, avisto um placa que indica uma outra trilha “Mundo Novo”, me chama muito a atenção o nome e vejo que passamos por algumas cachoeiras no caminho. Algumas vacas brincam na trilha e o motorista do ônibus aguarda até que elas dão passagem. Chegamos à BRI Rincón Del Oso aproximadamente às 10h. Adentramos o salão comunitário, na Praça Principal, e fomos recebidos pela escritora **Clara Villanueva** e pelo artista plástico César Martínez, vestidos tradicionalmente de camponeses junto a outros integrantes da BRI. César coloca em nossas vestes uma medalha feita com a bandeira colombiana e uma moeda com a imagem do “urso-de-óculos”, mascote que dá nome a esta BRI.

Mayra Martínez, diretora da Biblioteca Rural Itinerante “El Rincón Del Oso” (O Canto do Urso) é também secretária da Junta de Acción Comunal (JAC) de Los Manzanos. Nos serve café com mini arepas. Há também crianças, vestidas de camponesas e outras com uniforme da escola. Meu temor de estar a 2566 metros de altitude passa e me sinto em casa. Converso com os moradores locais que me contam que o Parque Chingaza é quem



abastece toda Bogotá, o que me faz lembrar da relação do Pantanal Iguaçuano com o Rio Guandu na cidade de Nova Iguaçu.

Mayra explica que a BRI foi criada em 2019, através de uma Convocatória Nacional, feita pelo Programa Nacional de Bibliotecas Itinerantes, com o objetivo de construir, de mãos dadas, com as comunidades rurais do país, ações que garantam conhecimento, informação, cultura oral e escrita, através dos conhecimentos dos povos de cada território e trabalhando coletivamente para resgatar a cultura em geral. Passa a palavra para Don José, presidente da JAC que nos dá as boas-vindas.

Mayra explica que já existia uma atividade cultural permanente da vereda El Manzano, ainda antes da instalação da BRI, e foi o que a Biblioteca Nacional levou em consideração para apoiar o projeto da biblioteca. O tradicional “Festival de la Cuenca del Río Blanco”, que foi coordenado com os alunos da escola e a proposta combinou ações contra as mudanças climáticas, com os costumes e tradições do setor, é um exemplo. Outras atividades que foram realizadas foram apresentações teatrais, danças tradicionais e a recuperação da memória dos moradores mais antigos da vereda, que resultou no livro “Vamos conhecer os encantos de El Manzano”. Todos esses componentes culturais e sociais tornaram possível a instalação da BRI.

Quando a BRI foi instalada, uma equipe da BNC foi até a Los Manzanos, ficou durante algum tempo, compartilhou e viveu a experiência da vereda. Treinou a equipe da BRI para realizar a “Maleta Viajera” e visitar pessoas sem acesso à biblioteca, mas que tinham muito conhecimento ancestral, muita riqueza cultural a contribuir com a BRI. Nesse processo foram acompanhados, idosos, doentes e deficientes. Seja numa visita carregando algum livro, ou contando alguma história, essas pessoas passaram a se sentir úteis e compartilharam suas histórias de vida. Elas pediam ainda que as crianças estivessem envolvidas nas próximas vezes que fossem contar as histórias. Isso foi muito importante para realçar o compromisso da comunidade com os objetivos da BRI.

A BRI “El Rincón Del Oso” possui um regulamento de participação e empréstimo de livros, no qual se estabelece quantos dias pode-se ficar com os livros e a data de devolução. Além do empréstimo, sua programação inclui oficinas de leitura, acesso à Internet, oficinas de fotografia antigas, de oralidade e recuperação de histórias;

Elaboração de livros artesanais, por meio de ação cooperativa; Compilação de mitos, lendas e dísticos.

Em La Calera há uma Rede de bibliotecas, na qual a BRI “El Rincón Del Oso” faz parte. **Natalia Palacios**, promotora de leitura da vereda, explica sobre o trabalho da Rede, que é considerada uma das melhores da Colômbia, pois promove ações como a formação de usuários, uma programação cultural bem completa, com atividades mensais, serviços de extensão, acesso à internet, promoção da leitura, alfabetização digital, etc.

Natalia conta que em 2020, investigaram os mitos e as lendas das veredas “La Laguna Brava” e “El Rincón del Oso”, como a comunidade lhes contava. Também fez um passeio com a maleta que continha a coleção “você é minha história”, realizando oficinas orais e de escrita em torno dos mitos e lendas em evidência no território. Durante a pandemia, conta que foi muito complexo reunir todas as pessoas, mas foi possível realizar um evento onde todos compartilhassem seus mitos, lendas, ditados, conhecimentos. Já em 2022, foram investigados elementos essenciais sobre a formação das famílias, os locais mais representativos da vereda, a gastronomia, que pratos que os avós preparavam e que persistem na atualidade. Foi coletada a história de como, de geração em geração, as famílias foram formadas. Aqui estão alguns sobrenomes muito conhecidos: Martínez, Avellaneda, Alméciga. Fizeram também uma compilação de fotografias antigas de festas, batizados, casamentos, com histórias de como eram aqueles costumes e tradições. Nas zonas rurais é muito difícil acessar a Internet, mas mesmo assim foi organizado um blog digital no qual foram recuperadas toda a história, fotografias e provas que a comunidade dava e contava. É algo novo para as BRI. Nesse blog é possível encontrar todas as oficinas que a comunidade e os mediadores realizam desde 2020.

Em 2023, Natalia conta que retomaram as oficinas de ditados e gírias, que são mantidas de geração em geração, com a ideia de preservar essas palavras, aqueles provérbios. Foi também criado um glossário gastronômico ancestral, a partir dessas oficinas.

César Martínez explica mais detalhadamente as características geográficas daquela região, o resgate e a proteção da vereda com a sua fauna e flora, entre outras. Muito amável, me entrega um cartão postal com uma de suas belíssimas esculturas. Escrito: “Isadora, és extraordinária”. Fiquei muito emocionada com a simplicidade e a beleza desse pequeno povoado. Para eles, mais do que decodificar as palavras, ler

é também resgatar a cultura e tudo é arte, desde as panelas de cerâmica até os brinquedos artesanais. São objetos que constituem uma amostra do museu da cultura local, que possuem nas BRI, neste território ancestral onde também são cultuadas as lagoas sagradas.

A professora da Unidade Educativa Departamental Integral, única escola da região, apresenta seus alunos que interpretaram lindamente a cumbia “Colombia Tierra Querida”, composta por Lucho Bermúdez em 1970, canção considerada o segundo hino nacional da Colômbia. Fiz o registro em vídeo e enviei à minha mãe, para mostrar-lhe as semelhanças com o povo de Vallegrande, na Bolívia, do qual faz parte a minha família paterna. Todos aplaudimos e gritamos “bravo” para essas crianças sorridentes e nada tímidas.

César coloca a música “La cucharita” do artista popular Jorge Velosa na caixa de som e convida a todos para dançar. Tira Maria Chocolate que aceita o convite e dançam no ritmo da carranga, gênero musical e símbolo de identidade dos departamentos de Cundinamarca e Boyacá, que funde torbellino, guabina, bambuco, bolero, merengue camponês e rumba criolla. Aos poucos outros pares entram na festa e começam a dançar. Após o baile, fizemos uma pequena pausa e demos espaço para que preparassem o ambiente para o almoço.



Enquanto estou sentada esperando servirem o almoço, duas meninas de 8 e 7 anos me abordam, perguntando se eu conheço algumas músicas em português. Muito surpresa, respondo que sim e pergunto quais elas conhecem. Sem dizer o nome das músicas, elas começam a cantar em português alguns hits do TikTok. Começo a rir e aplaudir as meninas, entendendo que mesmo em zonas rurais o termo “viralizar” é real e atinge a todos que possuem um celular. Elas contam que sabem fazer as dancinhas e me perguntam

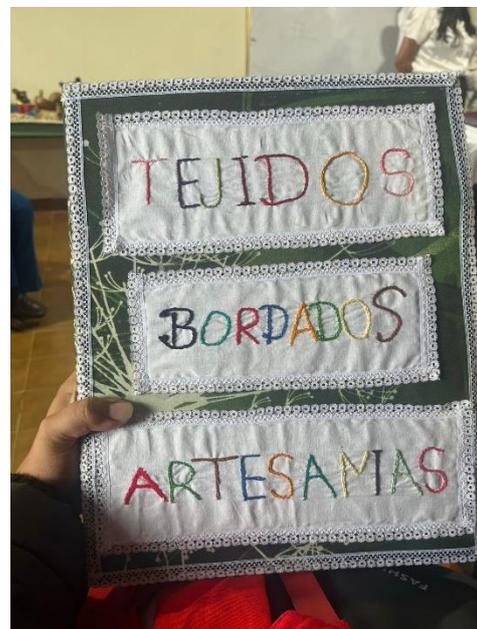
se também sei. Decepcionantemente, não sei fazer dancinhas. A partir de então, elas passam a me perguntar como é a tradução de algumas palavras em português. Entro na brincadeira e pergunto algumas em espanhol. Nos tornamos amigas desde então.

Nos servem sudado de carne, prato típico que se serve em todas as casas colombianas, principalmente na estação fria, feito com carne bovina, mandioca, batata cozida e salada de abacate com cebola e tomate. Para beber e brindar, um vinho vejigón destilado ou artesanal que na Colômbia conhecido como uvilla. Me lembrou a Chicha feita na Bolívia. Após o almoço, caminhamos até uma parte mais alta da vereda para fazer a digestão. Segui conversando com minha amiguinha até retornar para o salão comunitário.



Clara Villanueva apresenta uma exposição dos “livros tecidos”. São livros feitos em fichários, com materiais reciclados como tecidos, cartão, plásticos, porque o conceito ecológico deve estar presente e tratam dos mais diversos temas: memórias, tecidos tradicionais, gastronomia, histórias de tradição oral, plantas medicinais, casa remédios, culturas, mitos e lendas. Existem vários volumes.

Um volume especial reúne a história de El Manzano. Das plantas medicinais, recomendam o alecrim debaixo do travesseiro para recuperar a memória. Entre os mitos e lendas mencionam "as aparições na estrada", "enigmas no cemitério", "o demônio da embriaguez", "os mistérios de La Esperanza" ou "os mistérios das almas abençoadas ou do cachorro na corrente”. Dos jogos tradicionais, contam com orgulho a história do Tejo, único esporte indígena colombiano praticado pelos



aborígenes Muisca, também chamado de “turumequé”.

Clara nos mostra, através dos livros, que é uma comunidade feita de biblioteca. Há também uma mesa posta com vários itens de artesanato local, tecelagem, bordados e bebidas, como iogurte. Eu aproveito para comprar um broche artesanal, pintado com um selo postal do “urso-de-óculos” e ajudar a sustentabilidade da BRI.

Às 16h, nos convidam para jogar Tejo na Praça principal da vereda, foi muito divertido e a primeira vez que entro nessa brincadeira. Não cheguei a acertar, mas o que vale é a intenção e a tentativa. Nos despedimos de Los Manzanos já com muita saudade e retornamos pela serra de ônibus, com um pôr do sol maravilhoso.

Saí para jantar no restaurante italiano La Monferrina, com Hernán, Maria Chocolate e Diego, conversamos durante umas três horas enquanto desfrutávamos de uma massa muito saborosa. Voltamos ao hotel às 22h da noite para descansar para o próximo dia de visitas.



DIA 4: QUINTA-FEIRA, 31 DE AGOSTO DE 2023

O dia amanhece um pouco mais quente do que o anterior. O destino é para Pasca, um povoado próximo à cidade de Fusagasugá, região produtora de ovos e flores, com muitos galinheiros, estufas e plantações de batata. Com uma previsão de chegada de duas horas e meia, saímos pontualmente às 7h30 de ônibus. A estrada é sinuosa, olhando pela janela observamos uma vegetação semitropical, diversos bairros com infraestrutura diferentes, passamos ao lado de um grande reservatório de água chamado de Muña. Descemos Sibaté, pelos Altos de San Miguel e pela Reserva Ecológica Las Cascadas.

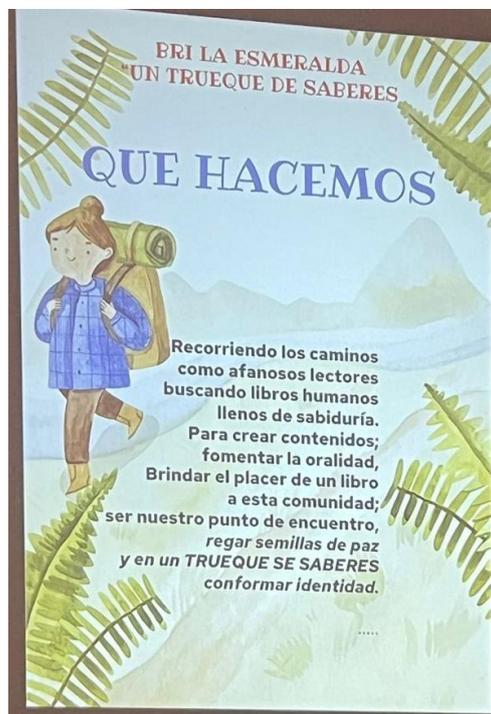
Ao chegar na cidadezinha, saímos do ônibus e entramos em alguns Jeeps antigos, conhecidos no meio rural Yipao, que servem para transporte de pessoas e cargas. Durante os dez minutos que subimos por uma estrada de chão empoeirada até a BRI, na parte alta de Pasca, brinco com o bebê Lautaro que faz a festa em cada sacudida do carro. As voluntárias nos esperavam com grandes sorrisos e muito entusiasmo. Prepararam a fachada da BRI com bandeirinhas de cada país participante do Estágio.



Nos acomodaram em uma sala, coberta por um teto com chapa metálica, o que deixava o ambiente mais quente, mas não desconfortável. As voluntárias nos ofereceram

chá e uma tradicional arepa colombiana. Elas se apresentam como **Las Comadres**, com aventais típicos, bordados com seus nomes. Elas pedem que, inicialmente, digamos nossos nomes e nossos países de origem. **Rosalba Cubillo** nos dá as boas-vindas e apresenta a BRI, em quatro pontos: 1) Quem somos nós?; 2) O que fazemos?; 3) Como fazemos isso?; 4) Por que fazemos isso?.

Para explicar quem são, Rosalba situa o lugar em que estávamos que é a Junta de Acción Comunal (JAC) da vereda “La Esmeralda”, Pasca. Explicou detalhadamente como se divide política e administrativamente a Colômbia, e que essa JAC foi afortunada por ter uma visão diferenciada do que comumente se entende o que é o papel das JACs com uma dedicação maior para as estradas, tratamento de esgotos e etc. Quando se deram conta, a parte cultural estava abandonada, junto à esse espaço com obras paradas. Fizeram um diagnóstico sobre o que precisava a comunidade.



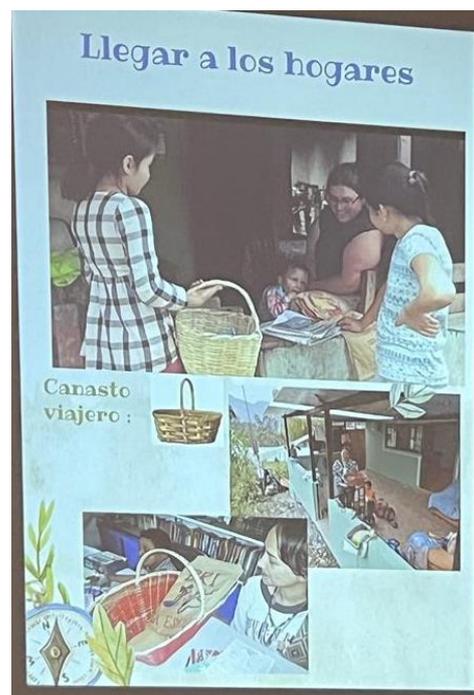
Com as respostas do diagnóstico, viram que ali poderia funcionar uma biblioteca, com conectividade, prestando serviços para as pessoas que antes se deslocavam até o município para conseguir. Levantaram paredes, construíram as janelas, com um pouco do que a comunidade poderia arrecadar. E agora, podiam se reunir não mais ao ar livre. Os jovens também apoiaram essa construção e conseguiram construir uma quadra para praticar esportes e outros eventos com apoio do Ministério do Interior. Em seguida, conseguiram um apoio interinstitucional, com uma bibliotecária que levou diversos livros e os indicou para a Convocatória Nacional do PNBI. A BRI La Esmeralda foi uma das primeiras a serem contempladas no Programa.

Rosalba mostra um vídeo institucional da BRI e apresenta o que fazem. Conta que com a pandemia, confinados em casa, a BNC ofereceu uma formação virtual e deu algumas ideias do que fazer durante esse período. A tutora da BRI, Alejandra Parra deixou como um pequeno dever de casa, a leitura do *Walking Parnassus* de Roger Mifflin, uma ilustração que dizia tudo o que havia em seu carrinho de livros. Fizeram uma reflexão do que tinha dentro sua biblioteca. Intitularam a BRI como “Uma troca de saberes”, pois

estavam sempre interagindo com as pessoas, transportando e aprendendo sempre. Nessas estradas, estariam então em busca de Livros Humanos, cheios de sabedoria. Imaginaram todas as pessoas da comunidade, com toda a sua sabedoria, e correram para procurar todos aqueles livros humanos, para criar conteúdo, fomentar a oralidade e preservar as raízes.

De acordo com Rosalba, a primeira coisa que fazem quando se deparam com um livro humano é fazê-lo reconhecer-se como portador de conhecimento, simplesmente porque as pessoas não sabem o que sabem. Elas não acreditam que por não ter um diploma, um algum nível de escolaridade, têm algo a contribuir. É preciso estar em situação de diálogo com todas as pessoas e levá-las a se definirem, a se desapegarem, a compartilharem conhecimentos para fortalecer sua cultura.

A forma de itinerância da BRI “Un truque de saberes” de La Esmeralda é a Cesta Viajante ou como eles chamam “Canasto Viajero”. Porque tradicionalmente, a cesta é o objeto em que se dividiam as comidas entre os vizinhos após as festas com grandes refeições, quando ela retornava sempre voltava com alguma outra coisa. É uma forma de comunicar e demonstrar sentimentos. Então, elas pensaram que uma cesta cheia de livros, rotativa por todas as casas nunca estaria vazia, ela carrega também um caderno em que quem a recebeu escreve suas experiências para a próxima casa.



Durante esse tempo, a equipe da BRI percorreu as casas coletando conhecimentos e criaram o projeto “Lendo nossas histórias”. Contavam coletivamente histórias sobre as famílias, pessoas, lugares e versos criados pelos moradores da vereda. Por ser um projeto só com mulheres, elas se reuniam em volta do fogão e conversavam sobre essas histórias. Era uma forma de promover a oralidade e cozinhar enquanto contavam as curiosidades de cada uma. Rosalba apresenta um vídeo do projeto e segue explicando que elas reconhecem os conhecimentos de seus avós, todas as comidas antigas dos arredores, que trazem também as histórias, as anedotas, as memórias, os cheiros e os sabores da vida bem vivida. Compilam todo esse conteúdo e os transforma em vídeos, em livros com os ditados, os dísticos e os provérbios da região. Tudo isso está coletado e aguardando para

ser publicado. Lê o poema “A Flor do Dente de Leão” da poetisa costarrriquenha Carmen Lira, pseudônimo de María Isabel Carvajal. A ideia da BRI é unir literatura, gastronomia, memórias e cheiros. Elas fazem parcerias para gravar e editar vídeos. Buscam ensinar isso às crianças para que elas cresçam garantindo que a BRI dure muito tempo. Como ser mediador na BRI é gratuito, os próprios familiares e amigos são voluntários em todos os processos. Rosalba indica que há uma convocatória anual que beneficia 150 bibliotecas. Em 4 anos, mais de 600 BRIIs foram beneficiadas. No início, o governo oferece uma série de itens aos contemplados, como laptops, tablets, livros, projetores, coleções de livros, mas o resto, recursos como celulares, são da própria BRI. Então é necessário fazer uma mobilização do público para esses fins.

Como fazem, então? Segundo Rosalba, com alegria e amor. Com humildade, compartilham conhecimento e querem explorar e aprender com as pessoas que encontram. Ao ler o território, trocam conhecimentos e deixam de lado seus desejos pessoais. Rosalba achava que sabia o que as pessoas precisavam, mas que na verdade não sabia e só foi descobrir depois. Como era o caso das hortas, achava que todos ali tinham condições de terem hortas domésticas. Fez uma parceria com um ótimo curso nacional de aprendizagem sobre jardinagem. No entanto, mais tarde, descobriram que eles não tinham horta porque criavam galinhas. As galinhas lhe dão ovos para comer e para vender, era um sustento em sua casa. Mas as galinhas comem os jardins. Enfim, isso mostra que é preciso conhecer o território para alcançá-lo. Além das parcerias com familiares e amigos, Rosalba diz que fazem parceria com os professores da escola, que estão presentes nessa apresentação.

As alunas María Paz e Sofía apresentam as atividades da escola junto a BRI. Afirmam que a participação no BRI permitiu que todos os alunos adquirissem novas aprendizagens significativas. As professoras da escola têm trabalhado para resgatar histórias e coletar tradições orais.

A equipe da BRI desde 2019 se propôs a coletar conhecimento, promover oralidade, criar conteúdo e resgatar a memória local. E para que fazê-lo? Rosalba conta quando viram todas as vidas impactadas pelas ações culturais, se reconhecendo como portadoras de conhecimento, como fonte de inspiração, que os outros observam é algo muito motivador. Elas percebem que crescem juntas e mais felizes trilhando esse caminho. Por isso, continuam com o compromisso de manter a BRI. À medida que vão transformando vidas, elas próprias vão se transformando e inspirando pessoas que

percebem que não é tão difícil assim, não custa muito dinheiro. Rosalba narra que inicialmente haviam pessoas que zombavam desse trabalho, que viam as comadres como “velhinhas malucas que se juntam para fofocar”, por isso mesmo elas se passaram a se autoafirmar como “Las Comadres”, um grupo de mulheres com um propósito sólido e transcendental.



Nessa caminhada, conheceram a antropóloga Susan Gonzalez presente também neste dia. Susan diz estar muito comovida por pessoas da Colômbia e do exterior reconhecerem o trabalho das Comadres, porque nesse território majoritariamente masculino não costuma reconhecer. Susan lê um pequeno relato que escreveu em suas observações enquanto as via cozinhar e conversar, intitulou como “cozinhar é acreditar no mundo”. Extremamente delicado e bonito de escutar. Susan complementa que essa BRI é um espaço para a palavra empoderamento feminino sem ser clichê, elas têm feito isso em silêncio nas suas fazendas, nas suas propriedades e essa união é reconhecer suas obras e as colaborações. Todos aplaudem as contribuições de Susan e Rosalba retoma a palavra citando o livro “A Dança das Mulheres Sábias”, em que se encontra um fragmento de texto que define bem essas obras: “Quando alguém vive plenamente, outros também vivem”. Rosalba responde que é uma comadre com uma breve citação:

Eu sou uma comadre e ao mesmo tempo você é minha. É usado para descrever uma relação de mulheres que cuidam umas das outras, se ouvem e se ensinam coisas nas quais a alma está sempre presente. Às vezes eles até falam sobre ela ou diretamente com ela. Aqui estamos, as comadres, e vamos contar quem somos e o que fazemos para mudar nossas vidas.

As comadres se apresentam uma a uma, dizem seu nome, sua idade e um ditado rimado que fizeram sobre si. Contam que se reúnem todas as quartas-feiras para cozinhar. Cada uma leva um ingrediente especial e fazem uma comilança compartilhada. A cada encontro é produzido um vídeo e alimentado um diário. Já prepararam jorobo, chucula, romã e hortelã, a mazamorra pequena e a sopa de peto, que é uma espécie de milho.

Por fim, depois de muito mistério, as comadres nos entregam uma surpresa: uma ruana, um tipo de poncho típico dos povos andinos, e uma casca de abobrinha artesanal para beber água e outros líquidos. A ruana tem um selo bordado à máquina que diz: “BRI La Esmeralda, un trueque de saberes. Pasca-Cundinamarca”. Recebemos também uma sacola do Programa Nacional de Bibliotecas Itinerantes com o lema “Transitando por los caminos del pensamiento y la palabra en la ruralidad”. Todos colocam suas ruanas e então começa uma sessão de fotos. Torna-se um ambiente de irmandade e alegria. O fotógrafo do grupo maneja um drone para capturar uma imagem aérea do grupo.



Nos despedimos da BRI La Esmeralda e caminhamos em direção à fazenda de María Eugenia Uribe para almoçar. É um caminho ladeado por eucaliptos, pedras e animais. Brinco com dois cachorrinhos muito amáveis durante a trilha até a fazenda. De longe avisto uma construção de madeira e tijolo antigo, com forno à lenha, feito de barro.

A vista de lá de cima é uma das coisas mais lindas que vi durante a viagem. É respirar natureza pura. Ao pé da casa de María Eugenia tinha galos e galinhas e ao lado alguns cavalos. Flores por todo lado e plantas medicinais. No almoço foi servido um caldo de galinha caipira com mandioca e milho, como prato principal arroz com frango assado no forno a lenha e abacate. Foi tão bem servido que Maria Chocolate conseguiu levar a comida para jantar à noite no hotel.



Após o almoço, as comadres convidaram os estagiários para moer grãos de milho em um tradicional moinho manual e depois amassa-los com farinha para cozer o pão. Foi uma pequena demonstração de como fazem pão de queijo e arepas todas as quartas-feiras.



Completamente satisfeitos, todos aproveitamos para deitar no chão com grama verde da fazenda e descansar um pouco. Nos sentimos tão à vontade ali que não queríamos voltar para Bogotá. Lentamente, fomos nos despedindo das comadres e voltamos para a frente da BRI onde estavam os jeeps que nos levariam até o ônibus para retornar ao hotel. Foi um retorno cansativo, mas que não impediu de sairmos para jantar e desbravar um pouco mais da cidade.



DIA 5: SEXTA-FEIRA, 01 DE SETEMBRO DE 2023

O último dia de estágio amanhece e com ele vem o sentimento de nostalgia. Como de costume, levantei às 6h e fui tomar um café reforçado, na companhia de Maria Chocolate e Maria Ruffete. Encontramos todos os estagiários às 7h30 no hall do hotel. Pegamos o ônibus com destino final à Biblioteca Pública Carlos E. Restrepo, no bairro Antonio Nariño, no sul-oriental de Bogotá. Em menos de meia hora chegamos lá, foi uma viagem curta e rápida.

Fomos até a nova entrada da Biblioteca e olhando para cima, observamos seu grafite em forma de pássaro, que define muito bem o sentido de Biblioteca: dar asas e liberdade para voar a todos que nela entram. Ao chegar somos muito bem recebidos pela coordenadora que nos convida a iniciar uma visita guiada pelo terraço da Biblioteca.



Lá se encontra uma horta compartilhada, nossa guia nos conta que semanalmente há oficinas de jardinagem. Há também um espantalho improvisado, com materiais reciclados. Me encantei com uma suculenta preta, que nunca havia visto no Brasil. Além de todas as flores e plantas, os muros do terraço eram grafitados com uma arte ecológica muito bonita.

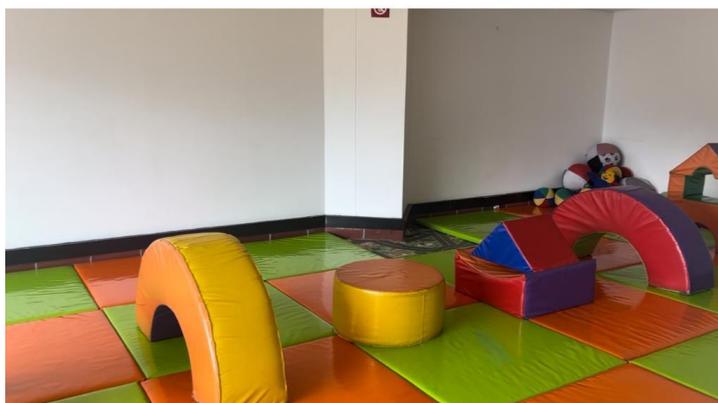


Descemos e exploramos o segundo andar da Biblioteca, onde há a Ludoteca. A guia nos conta que Biblioteca Pública Carlos E. Restrepo foi criada pelo Banco Central Hipotecário. Em 1999 tornou-se parte da BibloRed. Sua sede atual foi inaugurada em 10 de junho de 2003. Possui 169 postos de leitura e atende uma média diária de 700 usuários em suas salas Geral, Infantil, de Treinamento e de Internet. Na Ludoteca estava exposta em uma mesa grande diversas narrativas têxteis. Lenços com memórias dos leitores, feitos a partir de uma oficina de escrita e artesanato. O que me chamou a atenção nas bibliotecas da BibloRed é a composição do acervo e organização das coleções de literatura que utilizam as cores nas estantes para diferenciar os gêneros: azul para Novela, verde para Contos, amarelo para Álbuns, laranja para Lendas e Mitologia, vermelho para Historietas, rosa para Poesía, cinza para Teatro e lilás para Informativo.

A Ludoteca é bem ambientada, com folhas e flores caindo do teto, tapete em forma de quebra-cabeças e estantes bem dispostas. Havia inclusive uma escultura de dragão feita com papel marché, que eu fiz questão de registrar uma foto para tentar reproduzir em minha biblioteca comunitária.



Assim como na Biblioteca Manuel Zapata Olivella, a Carlos E. Restrepo também possui uma Bebeteca, dedicada a crianças de 0 a 3 anos, com uma ambientação bem chamativa, com puffs, tatames, livros de banho, livros de bano e outros brinquedos que estimulam o lúdico e a criatividade. Os bebês precisam estar acompanhados de um adulto. Não é possível entrar no espaço com sapatos, tampouco consumir alimentos. É preciso tomar cuidado com os tapetes.



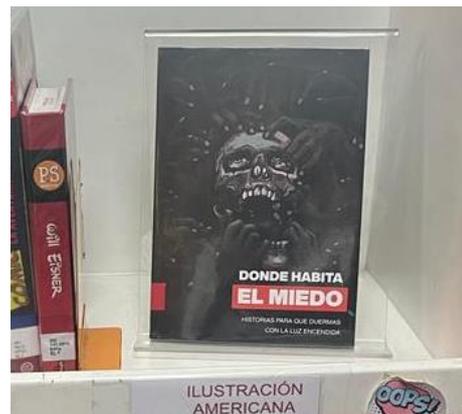
Nossa guia nos mostra que também incentivam os leitores com as artes, como é o caso de ilustrações. Por meio de um edital, conseguiram comprar uma mesa especial de desenhos que é muito utilizada na Biblioteca. Há uma sala de literatura que é mais utilizada por adultos, onde são desenvolvidas diversas atividades como o Café Literário. A guia nos conta que os usuários da Biblioteca são muito leitores, então essa sala é especial, porque é o centro de reuniões, encontros e importantes debates sobre Literatura, Poesia e Escrita.



A guia conta ainda que a Biblioteca conta com um acervo total de quase 81 mil livros que podem ser disfrutados em todos os espaços. Durante a pandemia, a Biblioteca promoveu também um delivery de livros que até hoje funciona muito bem.

Seguimos para a “sala mais cara da Biblioteca”, uma sala dedicada a Comics e Novelas Gráficas, o que no Brasil incluímos como HQs. Logo na entrada vemos algumas recomendações como o livro “O castelo das estrelas”. Diferente da organização dos demais espaços, ali há também um espaço dedicado às Sagas, apesar de não estarem categorizadas como “Comics”, a equipe da Biblioteca entende que o público jovem que busca pelas HQs também as busca na próxima seção. Nesta mesma sala é possível acessar o conteúdo audiovisual e jogar videogame, ao mesmo tempo tem um espaço reservado para aqueles que gostam de ler jornais impressos, utilizado majoritariamente por idosos. Ambientada com bandeirinhas dos heróis da Marvel, da DC e com expositores de jornais nacionais e internacionais, essa sala é um verdadeiro encontro intergeracional.

O coordenador nos conta que recentemente participaram de um edital que permitiu um ciclo de oficinas de escrita de “comics” e literatura de terror, que resultou no primeiro livro produzido por leitores e mediadores da Biblioteca, chamado “Donde habita El Miedo: Historias para que duermas com a luz encendida”.



Ganharam a convocatória de um prêmio como melhor biblioteca em 2018. Agora é uma das que participa de um programa de rádio da BiblioRed e está montando uma sala de gravação e transmissão na Biblioteca.



Às 11h, seguimos para o auditório para assistir a palestra do professor Didier de Jesús Álvarez Zapata, da Universidad de Antioquia, para conversarmos sobre as noções de biblioteca a partir de um senso de comunidade. Didier propõe que devemos questionar a ideia de Biblioteca, que devemos indagar a sua realidade que exige uma filosofia e uma práxis das suas ações. Dessas indagações emerge uma proposta de campo interdisciplinar e social: estudos bibliotecários, que é um esforço sistemático para compreender a biblioteca desde os saberes, conhecimentos sociais e científicos que as sustentam e projetam quanto seus objetivos e práticas. Parte de algumas teses fundamentais: 1) A Biblioteca é consequência do processo social da informação e sua exegese em conhecimento, linguagem e memória; 2) A natureza da Biblioteca é complexa, diversa, mutante e adaptativa; 3) A Biblioteca tem responsabilidades (missões). Sua palestra foi muito inspiradora, mostrou como que para nós, Latino-americanos, a Biblioteca representa a paz, por serem as instituições mais justas que existem. Didier explicita sua tese máxima: A BIBLIOTECA É UMA IDEIA QUE SE PRÁTICA. Por isso, deve ser sempre mais dentro de suas missões e um bibliotecário precisa ser um observador da realidade. Se a ideia de Biblioteca estiver devastada, também será a sua prática. Assim, a exigência é uma condição da esperança. Didier parafraseia o professor brasileiro Paulo Freire e diz que “Esperança sem pés não caminha”.

Enquanto esvaziamos a sala para que pudessem prepara-la para o almoço, fui conversar com o professor Didier sobre algumas questões que anotei durante a sua apresentação. Ele se interessou pelos meus questionamentos e me convidou para um ciclo de estudos que faria. Disse também que se for do meu interesse, posso fazer um estágio docência na Universidade de Antioquia, com a supervisão dele. Fiquei muito feliz por esse convite e pretendo dar seguimento às pesquisas sobre práticas sociais em Bibliotecas Comunitárias. Em nome da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias do Brasil, eu e Maria Chocolate presentearmos Didier com o livro “O Brasil que Lê”.



Às 14h30, após o almoço, prosseguimos no auditório para o painel de experiências “Vozes do Território” com duas bibliotecárias e um bibliotecário que acompanham processos de BRI em diferentes territórios da Colômbia. A primeira a fazer uma exposição é Nayely Waitotó Salas, bibliotecária afrocolombiana da Biblioteca Pública Municipal Lenguaje Universal do município de Bajo Baudó, departamento do Chocó, localizada em uma zona marcada pelo conflito armado, com sua geografia formada por manguezais e selva. A segunda a apresentar é Ana Milena Acosta, da Biblioteca Municipal de Ovejas, zona costeira do departamento de Sucre, norte da Colômbia. Sua gestão e articulação no território somou iniciativas comunitárias para a implementação da BRI Nido de Letras y Galápagos. O terceiro a apresentar é Hernando Alberto Gómez, bibliotecário da Biblioteca Pública Municipal de Quimbaya, no departamento de Quindío, um território que faz parte do deixo cafeeicultor da Colômbia. Ele é morador de uma zona rural onde se encontra a BRI Puerto Alejandría, que estruturou seu projeto bibliotecário ao redor do Rio La Vieja, que dá sustento aos seus habitantes. Com esse painel, foi possível

reconhecer uma vasta diversidade cultural, étnica, linguística e geográfica da Colômbia nas diferentes ruralidades.

Após uma pequena pausa, às 16h, Mayra Sánchez orienta a segunda parte de sua oficina, complementar ao primeiro dia, que nomeu como “Levantar Âncora e ir para o mar”. Propôs uma atividade de encerramento em grupo, em que deveríamos escrever 3 oferendas e nossas impressões sobre como o estágio poderia melhorar.



Fizemos uma grande rede com um fio de lã e nos emocionamos no final da oficina, pois retomamos a energia retirada nas cartas do primeiro momento. Eu e Maria Chocolate presenteamos os colegas estagiários com rosas e com a música popular brasileira chamada “O que é o que é?” do cantor Gonzaguinha.

Ao fim do dia, para fechar o Estágio com chave de ouro, a equipe da Biblioteca Pública Carlos E. Restrepo preparou uma apresentação musical muito bela, com intervenções que fazem especialmente para os leitores. Foi um momento mágico, onde todas as reflexões coletivas e sorrisos da semana ficaram explícitos.



Voltamos para casa com a certeza de que teremos sempre amigas verdadeiras formadas por esse estágio, diversos países para visitar e conhecer experiências de agenciamento comunitário nas ruralidades.

Meus sinceros agradecimentos a toda equipe da Biblioteca Nacional de Colombia e do Iberbibliotecas pelo acolhimento, pelo carinho na elaboração da programação e pela sensibilidade durante todo o 5º Estágio Internacional. Um agradecimento especial à Paulina Castañeda que, desde o primeiro momento, prestou toda assistência para que eu e Maria Chocolate nos sentíssemos confortáveis e nunca sozinhas.